



## CONVERGÊNCIAS MÍTICAS EM *ERA UM POAIEIRO*: UM DIÁLOGO COM CATULO

\*\*\*

## MYTHICAL CONVERGENCES IN *ERA UM POAIEIRO*: A DIALOG WITH CATULO

Eliziane Navarro<sup>1</sup>

**Recebimento do texto:** 20/04/2016

**Data de aceite:** 10/05/2016

**RESUMO:** Baseado principalmente nos estudos de Eleazar M. Mielietinski, pretende-se neste estudo, fazer uma releitura da obra mato-grossense *Era um Poaieiro* de Alfredo Marien, sob o viés da mitologia. O crítico interliga os conceitos de literatura e mitologia ao reconhecer a possibilidade da construção literária a partir de modelos míticos, possibilitando assim, a reinterpretação de alguns elementos da mitologia clássica em obras posteriores, elementos estes, que relacionam contextos de criações totalmente diferentes, sem que essa disposição prejudique a originalidade dos autores. Sabe-se que a obra é fruto da vivência do autor como poaieiro no interior do estado de Mato Grosso e, influenciado pela riqueza das narrativas orais ali difundidas, escreveu seu único livro, publicado pela primeira vez em 1944. Para tal, foi necessário utilizar-se de um recorte que compreende, dentro da obra do autor francês, o casal de personagens Brasilino e Tereza, o Pé de Garrafa como símbolo dos perigos iminentes do espaço da narrativa, além da própria floresta como projeção arquetípica do labirinto. Da mitologia emprestamos os personagens mitológicos Teseu e Ariadne e as relações destes com o Minotauro e seu labirinto, tendo como ponto de confluência literária o poema LXIV do italiano Caio Valério Catulo. Ambos os autores, Catulo e Marien, constroem os personagens protagonistas baseados no mito clássico, sendo que os personagens de Marien estão inseridos em um contexto específico regional do Brasil na década de 1930, o apogeu da poaia em Mato Grosso. Trata-se de um posicionamento engajado do autor, que denuncia as condições insalubres de vida dos sertanejos que tanto geraram riquezas para o Estado, mas ficaram à margem da história.

**PALAVRAS-CHAVE:** remitologização; narrativa; Catulo; Teseu e Ariadne.

**ABSTRACT:** Based mainly on Eleazar M. Mielietinski studies, it is intended in this study to do a rereading of Mato Grosso work *Era um Poaieiro* by Alfredo Marien under the bias of mythology. This critical links literature and mythology concepts when recognizes the possibility of literary construction based on mythical models, allowing the reprint of some classical mythology elements in later works, which relate totally different creations contexts without harming the originality of the authors. It is known that Marien's work is the result of the author's experiences as a worker in the countryside of Mato Grosso state, and influenced by the richness of oral narratives widespread there, he wrote his only book, first published in 1944. To this end, was needed to use a cutout inside the French author's work, the characters of Brasilino and Tereza, the hybrid monster *Pé de Garrafa* as a symbol of the inherent dangers in the narrative space, beyond the forest itself as an archetypal projection of the labyrinth. From the mythology we borrowed the mythological characters Theseus and Ariadne and their relations with the Minotaur and its labyrinth, with the literary point of confluence LXIV poem by the Italian Caio Valério Catulo. Both authors, Catulo and Marien build the protagonists characters based on a classical myth, and Marien's characters are entered in a regional specific context of Brazil in the 30s, the height of ipecac in Mato Grosso. It is an engaged position of the author, denouncing the unhealthy living conditions of the country people that generated wealth for the state, but were on the margins of history.

**KEYWORDS:** remythologization; narrative; Catulo; Theseus and Ariadne.

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) [efnavarro4@gmail.com](mailto:efnavarro4@gmail.com) – Bolsista CAPES.





O homem não pensa os mitos; são os mitos que pensam os homens (J. BRANDÃO).

## Introdução

O mito faz parte da constituição do ser humano. Em sua necessidade de ver explicados os mistérios que circundam a vivência de sua espécie, o homem desenvolveu a capacidade de fabular. Do mito surgem, então, as formas culturais que norteiam o sistema ético e os valores morais de uma sociedade. Neste sentido, essas construções imagéticas, uma vez integrada na cultura, se transformam em elementos imprescindíveis na análise da construção identitária de um povo.

O que se pretende aqui é fazer uma releitura da obra mato-grossense *Era um Poaieiro* de Alfredo Marien, sob o viés da mitologia. Sabe-se que a obra é fruto da vivência do autor como poaieiro no interior do Estado, onde, influenciado pela riqueza das narrativas orais difundidas naquele contexto, se propôs a escrever seu único livro, publicado pela primeira vez em 1944. Para tal, foi necessário utilizar-se de um recorte que compreende, dentro da obra do autor francês, o casal de personagens Brasilino e Tereza, além do Pé de Garrafa como símbolo dos perigos iminentes do espaço da narrativa e a própria floresta. Da mitologia, foram empregados os personagens mitológicos Teseu e Ariadne e as relações destes com o Minotauro e seu labirinto, tendo como ponto de confluência literária o poema LXIV do italiano Caio Valério Catulo.

Conta a história de Marien que Brasilino, recém chegado do serviço militar, e Tereza são jovens apaixonados que vivem nas proximidades do Barra do Bugres, pequena cidade próxima à atual capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, banhada pelos rios Bugres e Paraguai. O casamento dos





---

dois, porém, só seria possível depois que a safra da poaia<sup>2</sup> daquela família realizasse seus próprios desejos. As dificuldades que permeiam esse ensejo se definem na narrativa com a descrição da mata da poaia, onde Brasilino deve recolher-se durante, aproximadamente, três meses.

A mitologia grega, por sua vez, nos narra o amor do casal real Teseu, filho de Egeu rei de Atenas, e a princesa Ariadne, filha de Minos de Creta. Ao chegar em Atenas, o herói fica sabendo de que todos os anos, quatorze jovens são oferecidos como sacrifício ao Minotauro, um elemento com cabeça de touro e corpo humano, mantido preso em um labirinto construído por Dédalo. Assim, o jovem se propõe a enfrentar o monstro. As diversas facetas de Teseu, seja como rei mítico, destruidor de monstros, guerreiro destemido ou amante, são frequentes na literatura. Como alguns exemplos de autores que retomaram o tema em seus escritos temos: Pieter Comeliszoon Hooft, Calímaco, Boccaccio e contos de Catenbury de Chaucer.

Catulo, o poeta romano e o mais importante expoente do movimento *poetae novi*, círculo de poetas que, ao romper com a tradição da poesia épica romana, se preocupavam com temas relacionados ao amor, sobretudo na mitologia, no Poema LXIV, nos apresenta uma versão do mito por meio da própria Ariadne, que, já abandonada por Teseu, recorda em forma de lamentos sua história com o guerreiro. A opção por incluir essa obra na análise se deu justamente por tratar-se de uma apresentação da história pela percepção da princesa abandonada, em que mesmo seu olhar depreciativo e o viés de lamento provocado pelo abandono, que contorna a obra e é

---

<sup>2</sup> Ou Ipecacuanha, é um importante reduto da emetina, muito utilizada na fabricação de remédios por suas propriedades medicinais. Mato Grosso foi o principal exportador dessas valiosas raízes no século XX.





---

característica da elegia romana iniciada por Catulo, não é capaz de diminuir sua grandeza enquanto herói.

Ao considerar como baliza teórica para a fundamentação dessa pesquisa, os pressupostos de Eleazar Mielietinski, legitima-se o entendimento da mitologia como a gênese das ciências que norteiam o comportamento humano no que concerne a literatura, religião e a filosofia. Sobretudo no que se refere a literatura, o autor russo defende que as obras, mesmo neste século, estão carregadas de arquétipos literários<sup>3</sup>, ou seja, imagens e símbolos norteadores da vida do ser humano, que remontam aos mitos clássicos.

A estudiosa Karen Armstrong, ao definir o mito, diz:

O mito trata do desconhecido; fala a respeito de algo para o que inicialmente não temos palavras. Portanto, o mito contempla o âmago de um imenso silêncio [...] o mito não é uma história que nos contam por contar. Ele nos mostra como devemos nos comportar... (ARMSTRONG, 2005, p. 9)

Assim, o mito é, então, um modelo para a sociedade, conciliando o homem com sua consciência ao projetar respostas para o inexplicável. A presença do sobrenatural, os homens superiores, a propagação de valores são elementos do mito que têm ajudado a humanidade a relacionar-se com as angústias da passagem do tempo e a consciência da finitude humana desde os tempos primeiros.

Armstrong diz ainda que a humanidade cria mitos desde os primórdios, sendo a maior prova disso as evidências de ritos funerários que o homem Neandertal, há 300 mil anos, buscou no mito a resposta necessária

---

<sup>3</sup> O conceito de arquétipo defendido por Meletinski se difere de Jung. Enquanto para o segundo essas imagens constituem parte do inconsciente coletivo, Meletinski defende a vivacidade dos mesmos, nos textos e nas culturas.





para lidar com a consciência da mortalidade. De lá para cá, o mito percorreu um longo caminho na esfera social, da exaltação a sua minimização como mero relato fantasioso, até sua consolidação epistemológica alcançada por estudiosos como Eliade, Strauss e Durand no século presente.

Ao ser concebida como um espaço propício à propagação da mitologia, a literatura se faz como o lugar em que a humanidade tem buscado seus modelos e o respaldo necessário acerca daquilo que não pode compreender, por metáfora, mesmo na época do seu rebaixamento. Uma prova disso é a concepção de personagens como Hamlet e Don Juan, por exemplo, que podem ser visto como a representação da universalidade humana.

Sobre a possibilidade de conjecturar o universo simbólico e mítico em diferentes contextos histórico-sociais à partir da relação mito e literatura, Maria Goretti Ribeiro<sup>4</sup> diz:

Há um substrato mítico na gênese do texto literário que alimenta a imaginação poética fornecendo imagens simbólicas, anteriores até mesmo ao mundo dos símbolos. O ato imaginal da criação artística está atrelado a uma realidade primordial preexistente nas camadas profundas da psique. (RIBEIRO, 2008, p. 62).

Dessa forma verifica-se, portanto, a possibilidade de encontrar em obras contemporâneas aspectos que interligam contextos de criações totalmente diferentes, como se alguns elementos fossem reimpressos em obras modernas, em meio a um contexto e com objetivos distintos àqueles verificados nas obras com os quais dialogam.

Essa atualização da mitologia ainda é defendida pelo francês Gilbert Durand, para quem os elementos das narrativas míticas que fundamentaram

<sup>4</sup> Da literatura aos mitos: a mitopoética na literatura de Lya Luft. 2008





---

o surgimento da literatura na antiguidade clássica, chegam ao autor moderno por meio de seu inconsciente coletivo, que os imprime em novas histórias baseadas nos valores sociais da comunidade ao qual está inserido. Para o autor, a análise das imagens recorrentes em uma obra, implicaria em reconhecer que os símbolos convergem diante de núcleos que, por meio de três estruturas, reagrupam-se nos regimes diurno e noturno.

É preciso lembrar ainda que o surgimento da literatura, enquanto representação artística, remonta às narrativas orais e, com o passar do tempo, mitos que eram difundidos oralmente foram assimilados pela arte escrita. No caso do recorte aqui escolhido, não é possível afirmar ao certo quando surgiu o mito do labirinto de Creta e seus personagens. Sabe-se que são citados em Ovídio, Apolodoro, Eurípedes, Homero e Hesíodo em seu fragmento setenta e seis, por exemplo. A esse respeito, é preciso lembrar que, conforme os estudos de Dumézil, que o que chegou até nós, em relação a mitologia e seus elementos, são na verdade textos literários, havendo portanto um percurso oral anterior a se considerar.

### **Pontos de convergência**

Iniciaremos a descrição dos pontos convergentes, primeiro pela construção dos personagens protagonistas: um casal apaixonado formado por um herói guerreiro e uma fiandeira à espera do regresso de seu amado. Ambos os heróis devem cumprir uma tarefa, voltar vitoriosos e só assim alcançar seu intento dentro da sociedade em que estão inseridos. Esta tarefa consiste em enfrentar um caminho obscuro, desconhecido, à mercê de um monstro híbrido e de toda sorte de sofrimentos que a luta requer.





Vemos no poema de Catulo, a posição de Teseu como aquele que se põe em sacrifício de um bem maior. É o que se percebe no extrato “Teseu seu próprio corpo, pela querida Atenas, resolveu lançar, a que, para Creta, tais mortos, de Cecrópia, sem estarem mortos fossem levados”. (CATULO apud FERREIRA, 2007, p. 155). Neste extrato, Ariadne narra o sacrifício do jovem pelo reino. É importante lembrar que embora seja um poema escrito em Roma, Catulo evoca o cenário mítico da Grécia Antiga, em seu poema, mesclando experiências pessoais de abandono com as aventuras desse herói mitológico.

O sacrifício de Teseu é próprio dos heróis mitológicos, por sua posição como filho do rei, ele se oferece para ir ao labirinto enfrentar o Minotauro. A concepção do herói mitológico implica em um homem corajoso, cuja força e nobreza o equipara a um ser acima dos meros humanos. Neste caso, a coragem e disposição de Teseu livra a sociedade de um cenário de choro, aflições e lamentação e faz dele um homem digno de admiração em seu contexto.

A definição de herói e suas atribuições, no entanto, são valores passíveis de transformação, sobretudo quando se considera uma passagem de tempo tão longa como entre Grécia Antiga, a Itália do século I a. C. e o Mato Grosso na década de 1930. Essa mudança nos valores socioculturais implicam em mudanças nas características que definem as personagens.

O interior do Mato Grosso no século XIX requeria um herói desbravador, capaz de sustentar-se íntegro dentro de um contexto social e financeiramente opressor. Na obra de Marien, Brasilino enfrenta as matas da poaia porque o heroísmo do homem do século XIX é manter o sustento da casa e cuidar dos seus, e como bem demonstra o poaieiro em um diálogo com Tereza em que diz “[...] No fim da safra se Deus quiser, estarei de volta





---

com o dinheiro... E logo estaremos casados! [...]”. (MARIEN, 2008, p. 33). O intento de sua predisposição é ganhar dinheiro, elemento tão necessário no sistema capitalista vigente, que é o recurso que permitiria a solução de seus problemas familiares e realização de seu sonho maior, que é o casamento com Tereza.

Na obra mato-grossense, Brasilino também é um ser íntegro e admirável. O autor denota sua superioridade ao descrever a amizade entre ele e seu cão quando diz “[...] Quanto ao Guará era de uma fidelidade comovedora. Acompanhava-o por toda parte, ficando longas horas a olhar para ele, como se Brasilino fosse um deus”. (MARIEN, 2008, p. 37).

Ao criar o protagonista de sua obra, há em Marien um cuidado em exaltar a integridade e superioridade de Brasilino, sobretudo se comparado aos outros personagens que apresentam vícios ou agem em desconformidade com os valores morais. Essas comparações servem para enaltecer, ainda mais, as qualidades de Brasilino, que é descrito como um padrão íntegro, noivo fiel, filho e amigo dedicado principalmente quando sua descrição contrasta com a de Gonçalo, seu inimigo. Há, inclusive, um capítulo inteiro denominado “Trato é trato”, em que Brasilino ao saber do aumento no preço da poaia, tendo combinado um valor com seus companheiros mesmo eles ratificando que Brasilino deveria pagar-lhes o que fora combinado, divide o lucro sem demonstrar sentir-se obrigado.

Essa exaltação das qualidades que os fazem homens de destaque em sua sociedade e a predisposição em se ausentar rumo ao desconhecido em prol de um bem maior aproximam os dois personagens.

Há também elementos convergentes que aproximam as personagens femininas Ariadne e Tereza nas duas obras. A espera aflita de Ariadne é descrita por Catulo:







---

Quantos temores ela levou no coração languesciente, quanto empalideceu mais que a frequente luz do ouro, quando, ávido de contender contra o sevo monstro, ou morte, buscasse Teseu, o os prêmios de louvor! (CATULO apud FERREIRA, 2007, p.156).

As duas mulheres se veem sem outra alternativa a não ser esperar que seus amados vençam a tarefa que lhes esperam e retorne para estar com elas. A condição de aparente insignificância dessas mulheres se desfaz ao pensarmos o ofício de fiandeira que as aproxima.

Tereza tece uma rede para que Brasilino pense nela enquanto está na mata. A rede que Tereza tece é usada para embalar os sonhos do amado, mas depois é usada como mortalha para o corpo de Brasilino, cumprindo assim o destino de outra importante figura da mitologia grega: a mortalha que Penélope tece de dia e desfaz a noite em a *Odisseia*.

Ariadne dá a Teseu um fio para que este não se perca no labirinto. Escondido sob o signo do objeto do novelo está a única possibilidade do retorno de Teseu, a sua condição de herói triunfante está intrinsecamente ligada a ajuda de Ariadne:

Assim, dominado o corpo, Teseu prostrou ao sevo debalde lançando os chifres nos vazios ventos, Então, incólume, com muita glória, voltou regendo os errabundos passos com tênue fio, para que não, das sinuosidades labirínticas saindo, do edifício fosse enganado pelos inobserváveis desvios. (CATULO apud FERREIRA, 2007, p.157).

Em outros termos, Ariadne está dando ao parceiro o elo entre a consciência e a inconsciência, entre a vida e a morte. Compreendidas sob o arquétipo da fiandeira, essas mulheres têm para si o papel de senhoras do





destino, pois todo seu trabalho é desenvolvido mediante o manejo do fuso, um símbolo cíclico da passagem do tempo.

Outro ponto que interliga essas duas personagens femininas é o abandono ao qual sujeitam suas famílias em nome do amor. Tereza também foge de casa quando seu pai tenta casá-la com Gonçalo: “[...] Então fingi que estava pegando um frango, atrás da cozinha e escapei, correndo, no cerrado... Agora, quero ficar com minha madrinha, com você [...]” (MARIEN, 2008, p. 165). Já Ariadne foge com Teseu, que depois também a abandona, o que é a base geradora do poema de Catulo:

Oxalá, nem no tempo primeiro, tivessem tocado as praias de Cnossos as naves Cecrópias, nem, ao indômito touro levando os funestos tributos, o pérfido navegador à Creta tivesse ligado a amarra, nem, este mau, ocultando, em doce forma, cruéis propósitos, em nossas moradas tivesse sido hóspede. (CATULO apud FERREIRA, 2007, p.159).

É este episódio que nos remete a uma diferença nas duas histórias. Em Catulo, temos Ariadne como narradora, ela se lamentando por sua desgraça por permitir que um homem fosse o fundamento de sua vida. Mesmo ao descrever Teseu de forma depreciativa, este intento de fazer o leitor percebê-lo como total desonesto não ocorre, pois ao ler o poema já temos uma imagem do guerreiro como salvador de Atenas. Marien, por sua vez, escreve sua narrativa sob o olhar do próprio Brasilino, e o caráter íntegro e imaculado que se atribui a Brasilino é fruto da inferência do leitor ao se deparar com situações em que ele se mostra dessa forma.

No que diz respeito aos aspectos congruentes entre o labirinto de Creta e a floresta da poia, que se estende “pela margem direita do rio Paraguai, desde a cidade de São Luis de Cáceres, por dezenas de léguas rio





acima até a povoação da Barra do rio Bugres” (MARIEN, 2008, p. 57), é o próprio Marien, que sugere a leitura da floresta como um labirinto:

Cada ano ficam alguns poaieiros perdidos, extraviados no labirintos das corixas, ou devorados pelas feras, ou vitimados pelas moléstias, mas não vencidos, nessa luta do homem contra a natureza, pelos vermes que lhes roubam as forças, pela febre que os prosta, pelas feridas bravas que lhes corroem os corpos de bronze. (MARIEN, 2008, p. 58).

Esta ida à floresta e ao labirinto, por si só, remonta ao rito de passagem, que consiste nas celebrações que marcam as mudanças dos jovens, sobretudo nas sociedades primitivas. A ida à mata predetermina o casamento de Brasilino, pois ele precisa realizar a tarefa ou não alcançará a graça necessária para propor casamento à Tereza. Teseu precisa vencer o Minotauro para livrar Creta, pois esta é a sua função como herói. O a entrada no labirinto, em ambas as histórias, permeia o nascimento de um novo homem, é o início da travessia, que Joseph Campbell chama de limiar. É preciso sair vencedor desse espaço para que a jornada do herói esteja completa: Teseu mata o Minotauro e volta para os braços de Ariadne; Brasilino vence a floresta e volta para cumprir o propósito de casar-se com Tereza.

Uma vez compreendido o contexto em uma visão maniqueísta, é preciso considerar a existência entre o bem e o mal e, sobretudo, a vitória de um em detrimento ao outro. Dessa forma, só é possível pensar a existência de um herói se houver o monstro quer seja pela astúcia seja pela força. Assim, é preciso conceber a existência desses seres, que nas narrativas aqui analisadas consistem em seres híbridos.

No que diz respeito ao monstro em cada obra, tem-se dois elementos que são parecidos: no labirinto de Creta está o Minotauro, descrito como





---

metade homem metade touro. Nas matas mato-grossenses, encontramos o Pé-de-Garrafa, metade homem metade lobo que produz ecos nas florestas para fazer com que os poaieiros se percam de suas trilhas e nunca mais voltem à cidade, exatamente como em um labirinto.

Essa predisposição à alteridade é elemento convergente perceptível nas duas obras. O Pé-de-Garrafa é o protetor da floresta e, ao mesmo tempo em que a protege dos desmatamentos, garante a subsistência do poaieiro: ele o assusta e é visto como mais uma ameaça para os meses na escuridão da mata.

A natureza também é apresentada sob uma perspectiva dupla, pois pode ser compreendida mediante o arquétipo da mãe-natureza e, dessa forma, é vista como a resposta para a busca de autonomia do homem, mas também tem seus momentos de grande opressora do pobre homem que, com toda sua coragem, ainda é frágil diante da natureza furiosa. O labirinto em Creta se configura também, como o espaço protetor, na medida em que impede a fuga e o ataque do Minotauro, ao mesmo tempo em que é o lugar onde o guerreiro se perde.

### **Considerações finais**

As razões que permeiam essa remitologização se referem, sobretudo, se considerarmos os pressupostos defendidos por Joseph Campbell, para a função pedagógica do mito, ou seja, além de estabelecer a ordem, contribuir para a maturação do homem nas etapas de passagem, o mito é também a representação do desejado, explica o universo e suas relações, além de conciliar a consciência humana com a natureza. E é isso que essa atualização mitológica recria ao imprimir no sertão de Mato Grosso





elementos que ensejam correlação com os grandes feitos da Antiguidade Clássica.

Marien, ao reimprimir em terras mato-grossenses elementos da mitologia clássica, dialoga com outros textos, assim como Catulo fez em Roma no século I a. C, cuja obra, não só o poema aqui analisado, está repleto de intertextualidade com a mitologia.

Destaca-se, aqui, três contextos de criação totalmente distintos, onde a própria disposição do mito suscita objetivos diferentes. Enquanto nas civilizações antigas os mitos não só explicavam a criação do mundo como a organização social e as relações de poder, nas sociedades atuais os elementos míticos representam exemplos a serem seguidos. O sertanejo não deve temer embrenhar-se em sua jornada em busca de um ideal, basta tomar como exemplo os heróis míticos que já realizaram grandiosas tarefas.

Acerca da intertextualidade, Julia Kristeva (apud MAGALHÃES, 2001) nos diz que esta é uma qualidade da cultivo textual, ou seja, não existe maneira de se produzir um texto sem o resgate de textos já existentes. A intertextualidade em Marien não é explícita quanto em Catulo, mas ainda assim, causa o efeito de familiaridade. Esses pontos convergentes aproxima *Era um Poaieiro* de outras narrativas, ao mesmo tempo em que agrega elementos locais à obra, tornando-a original.

Em Brasilino, Marien evoca a figura do sertanejo como a postura do homem ideal. Em um ambiente de total marginalização, o autor demonstra em sua personagem o comportamento esperado ao homem desse meio, que em termos de personalidade, nada tem a ver com o herói antigo, já que este apresenta características humanas como o medo e a preocupação. O próprio desenvolvimento da literatura permite ao texto brasileiro um caráter mais introspectivo, em que é dado conhecer as angústias do protagonista,





---

angústia, esta, que também está presente em *Catulo*, mas de uma forma distinta, já que na obra romana, em que o autor mescla experiências pessoais de abandono com os personagens mitológicos provenientes da Grécia Antiga, há um contexto de nostalgia e tristeza acerca daquilo que já passou, próprio da elegia da época.

### Referências

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Volume 3. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1987.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.

\_\_\_\_\_. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. São Paulo: Ática, 1986.

COMMELIN, Pierre. **Mitologia grega e romana**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 3ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GALÁN, Lia. **El Carmen 64 de Catulo**. La Plata: Igitur, 2003. Disponível em:

<[http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/15947/Documento\\_completo.PDF?sequence=3](http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/15947/Documento_completo.PDF?sequence=3)> Acesso a 10 Jul. 2015.





- JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- LIMA, Wellington Ferreira. **Labirinto**: a representação do mito de Teseu no Carmen Doctum de Catulo. 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-6XPECM/disserta\\_o.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-6XPECM/disserta_o.pdf?sequence=1) Acesso a 10 de Ago. 2015.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da literatura de Mato Grosso**: século XX. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.
- MARIEN, Alfredo. **Era um Poaieiro**. Academia Mato-grossense de Letras. Cuiabá, 2008.
- MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Os arquétipos literários**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. 2ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.
- RIBEIRO, Maria Goretti. Da literatura aos mitos: a mitopoética na literatura de Lya Luft. **Interdisciplinar**. Ano 3, v. 7, nº. 7 | edição especial | p. 59-79 – Jul/Dez de 2008.
- ROCHA, E. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

